

5ª Lectio Divina
Catedral, 19.03.2012
Morte-Vida

EVANGELHO Jo 12, 20-33

«Se o grão de trigo, lançado à terra, morrer, dará muito fruto»

Naquele tempo, alguns gregos que tinham vindo a Jerusalém para adorar nos dias da festa, foram ter com Filipe, de Betsaida da Galileia, e fizeram-lhe este pedido: «Senhor, nós queríamos ver Jesus». Filipe foi dizê-lo a André; e então André e Filipe foram dizê-lo a Jesus. Jesus respondeu-lhes: «Chegou a hora em que o Filho do homem vai ser glorificado. Em verdade, em verdade vos digo: Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica só; mas se morrer, dará muito fruto. Quem ama a sua vida, perdê-la-á, e quem despreza a sua vida neste mundo conservá-la-á para a vida eterna. Se alguém Me quiser servir, que Me siga, e onde Eu estiver, ali estará também o meu servo. E se alguém Me servir, meu Pai o honrará. Agora a minha alma está perturbada. E que hei-de dizer? Pai, salva-Me desta hora? Mas por causa disto é que Eu cheguei a esta hora. Pai, glorifica o teu nome». Veio então do Céu uma voz que dizia: «Já O glorifiquei e tornarei a glorificá-l'O». A multidão que estava presente e ouvira dizia ter sido um trovão. Outros afirmavam: «Foi um Anjo que Lhe falou». Disse Jesus: «Não foi por minha causa que esta voz se fez ouvir; foi por vossa causa. Chegou a hora em que este mundo vai ser julgado. Chegou a hora em que vai ser expulso o príncipe deste mundo. E quando Eu for elevado da terra, atrairei todos a Mim». Falava deste modo, para indicar de que morte ia morrer.

1. «Senhor, nós queríamos ver Jesus».

Alguns gregos exprimem o desejo de ver Jesus. Isto oferece a Jesus a ocasião para um breve discurso sobre a sua vida e a sua morte. É o último discurso público de Jesus. Provavelmente estes gregos eram pagãos. Deste modo, tornam-se o símbolo daquela universalidade que será o grande fruto da cruz.

Ver Jesus, não é apenas uma curiosidade, mas um verdadeiro desejo de conhecer e de acreditar, pois este é o sentido profundo do verbo ver em S. João. O mesmo Apóstolo fala-nos de *ouvir, ver, tocar e contemplar* (cf. 1 Jo 1, 1) o Verbo da Vida, já que a Vida mesma se manifestou em Cristo. E nós, chamados à comunhão com Deus e entre nós, devemos ser anunciadores deste dom. «O próprio Filho é a Palavra, é o *Logos*: a Palavra eterna fez-Se pequena; tão pequena que cabe numa manjedoura. Fez-Se criança, para que a Palavra possa ser compreendida por nós». Desde então

a Palavra já não é apenas audível, não possui somente uma voz; agora a Palavra tem um *rostro*, que por isso mesmo podemos ver: Jesus de Nazaré» (Bento XVI, VD 12).

Também uma outra narração no evangelho de Lucas sobre os discípulos de Emaús permite-nos uma reflexão subsequente acerca do ver e ainda do vínculo entre a escuta da Palavra e a fração do pão (cf. *Lc* 24, 13-35). Jesus foi ter com eles no dia depois do sábado, escutou as expressões da sua esperança desiludida e, acompanhando-os ao longo do caminho, «explicou-lhes, em todas as Escrituras, tudo o que Lhe dizia respeito». Juntamente com este viajante que inesperadamente se manifesta tão familiar às suas vidas, os dois discípulos começam a ver as Escrituras de um novo modo. O que acontecera naqueles dias já não aparece como um fracasso, mas cumprimento e novo início. Todavia, mesmo estas palavras não parecem ainda suficientes para os dois discípulos. Neste *evangelho lucano* diz que «abriram-se-lhes os olhos e reconheceram-No» somente quando Jesus tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e lho deu; antes, «os seus olhos estavam impedidos de O reconhecerem» (24, 16).

Vendo bem, Jesus responde com uma parábola que ilumina o inteiro sentido da sua vida. Ele é como o grão de trigo lançado à terra para dar fruto. E o fruto vem descrito logo a seguir: «quando for elevado da terra, atrairei todos a Mim». Se o grão de trigo, lançado à terra, não morrer, fica só; mas se morrer, dará muito fruto. Da morte do grão nasce o fruto. O grão é um, se vive fica só, se morre transforma-se em muitos e assim não fica só. O centro da frase não é o morrer, mas o dar muito fruto. Viver é dar vida.

A única visão de Jesus é o seguimento.

2. «Chegou a hora»

Com o tema fundamental da hora de Jesus, o texto passa dos gregos aos crentes. Este termo é essencial na teologia Joanina e indica diversas coisas, mas, a hora derradeira da cruz é o grande mistério de todo o mistério. A hora de Jesus é a grande passagem – a Páscoa. É a grande hora do amor. É ainda a hora de ver o invisível no visível da cruz pascal. E este é o enorme risco da fé.

3. A cruz gloriosa

Os gregos, que queriam conhecer Jesus, são convidados a compreender o mistério da cruz, para os quais é uma loucura, como dirá S. Paulo.

Como é que Jesus se dá a conhecer pela Cruz?

A cruz é a manifestação máxima do amor de Deus. Os escritos joaninos oferecem um testemunho abundante, como este «não há maior prova de amor que dar a vida pelos amigos» (Jo 15,13).

Em todo o evangelho de João, Jesus fala da cruz em termos gloriosos. A cruz é glória do amor. «A glória de Deus é o homem vivo. A vida do homem é, todavia, ver Deus» (St. Ireneu). Na cruz contemplamos um amor forte. O poder, a fama e a riqueza não entram nesta glória. Só o serviço, a pobreza e a humildade são caminho do amor, do grão de trigo que morre. Deus entregou-se à liberdade dos homens. Todos esperavam um Deus que se impusesse a todos. Deus escolheu o caminho do amor que respeita a liberdade.

O Pe. Júlio Fragata S. J., (1920-1985), que nasceu em Seixo de Ansiães –Carraceda de Ansiães, foi professor universitário em Braga e no Porto e Superior Provincial da Província Portuguesa da Companhia de Jesus. Era homem de grande erudição associada a modéstia e discrição. Antes de ser operado de um cancro no estômago, registou no seu Diário Espiritual: «*Na expectativa de tudo o que me pode acontecer, desejo evitar esbanjar aquilo que mais se esbanja neste mundo, que é o sofrimento. Porque o sofrimento sem amor é um esbanjamento*».

A vida em Cristo não se ensina, aprende-se e experimenta-se. À pergunta dos discípulos «onde moras?» Jesus responde «vinde e vede» (Jo 1, 38-39). Esta resposta do Mestre continua a ser um convite permanente para a comunicação plena e o seguimento definitivo de Cristo.

Alguns imaginam Cristo como o sacramento da salvação de todas as pessoas, mas que está “lá em cima”, e depois a Igreja, outro sacramento, como estando “cá em baixo”, e, por fim, os sete sacramentos da Igreja, realizados de vez em quando. A vida em Cristo é a finalidade da nossa oração e da nossa fé. «A vida em Cristo», uma expressão usada com frequência nas cartas paulinas (Fil, 21), tem início na vida presente e será perfeita na vida futura. É Cristo que se une aos homens pelos mistérios, comunicando a vida nova.

O Batismo, primeiro dos mistérios, é o início da vida em Cristo. É a lógica do homem novo. A mesa eucarística é o cume da vida. É o sublime mistério, que confere a perfeição aos outros mistérios. As Bem-Aventuranças oferecem-nos o critério para procurar a coerência da verdade litúrgica, como memória ativa e recordação dos mistérios. A memória de Cristo deve ser incessante. Por esta lógica, querer o bem não é difícil, mas acolhê-lo, conservá-lo, requer cansaço e aplicação de um certo método. A Eucaristia é a recordação constante de Cristo «o pão que fortifica o coração do homem» (N. Cabasilas).

Cristo faz-se nosso companheiro. Ele é o único modelo a contemplar. É uma pessoa real, o Verbo de Deus feito homem, enviado na «plenitude do tempo... nascido de uma mulher, nascido sob a Lei, para remir os que

estavam sob a Lei, a fim de que recebêssemos a adoção filial» (Gl 4,4). Efetivamente, Cristo não é o meio de santificação, mas a estrutura da nossa santidade.

A vida em Cristo é pois, um programa de vida espiritual, onde o papel de Deus se desenvolve pelos sacramentos e o do homem pela sua colaboração. O encontro de Deus com o homem não é um resultado de um duplo movimento: do homem que procura e de Deus que o encontra; mas obra única de Deus. Foi Ele que tomou a iniciativa, pois a ovelha não procurou o pastor, a dracma não encontrou o pai de família. Em Cristo, a imagem de Deus é levada à perfeição e à glória maior que em Adão.

Na sua morte, Jesus associa a si todas as pessoas, tornando-as filhas de Deus. Um Padre da Igreja, Clemente de Alexandria, repetia muitas vezes: «viste o teu irmão? Então viste Deus».

Queremos ver Jesus? Queremos conhecê-Lo, amá-Lo, segui-Lo, anunciá-lo e testemunha-Lo com a vida toda?

Que a Igreja de Cristo que vive em Bragança depois de o ver, possa mostrar Jesus aos homens e mulheres nossos contemporâneos e conterrâneos. *Ad docendum Christi Mysteria*.

Em todo o coração possamos rezar e responder:

Senhor, eis-me aqui, que queres que eu faça?

+ José Cordeiro